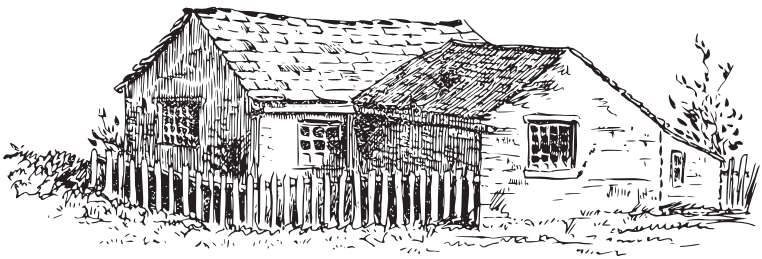
bruna castelo branco

caminho pro céu

lembranças de um tempo
não muito distante



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

Edição: França & Gorj

Capa e editoração eletrônica: Karina Tenório

Revisão: Elaine Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C349c BRANCO, Bruna Castelo [1993 -]
Caminho pro céu / Bruna Castelo Branco – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.
82 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-384-9

1. Relatos biográficos 2. Memória, fotografias I. Título.
CDD.: B869.8

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Memorabília

Memorabília: fatos ou coisas que se guardam como lembrança. Aquilo que faz lembrar, que traz consigo uma memória (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa). Durante toda a vida, guardei comigo a história de minha bisavó, Petronila Araújo. Nunca a conheci, mas, por muitos anos, a vida dela foi tão vívida para mim que me sentia como uma observadora onisciente, alguém que vê um filme numa sala escura de cinema e não pode fazer nada além de assistir. Não tinha com quem comentar e não podia interferir. Tudo estava no passado.

Este é um livro de memórias. Noventa e seis anos de memórias que não são apenas minhas, mas das protagonistas daquele filme que eu assisti mais de mil vezes: Francília, Benedita e Coralina, únicas filhas de minha bisavó. Decidi desengavetar essas histórias em 2016, depois de relembrar, com minha mãe, a trajetória de Petronila. Percebi, com um olhar menos infantil, que aquela memorabília compartilhada apenas por nós, poderia ser também objeto de memória de outras pessoas. Era hora de interferir.

A história que conto aqui começa em 1901, num vilarejo que não existe mais, Mirandela, no Nordeste da Bahia. Foi lá que Nila conheceu Horácio, o homem que lhe deu quatro filhos e a deixou por uma vida nova, longe de casa, com uma menina de quatorze anos. Essa tragédia pessoal – o abandono do marido no início dos anos quarenta, em plena rudeza do sertão – levou a todos os desdobramentos que viriam a seguir: a humilhação, pobreza e a inevitável migração para a cidade grande.

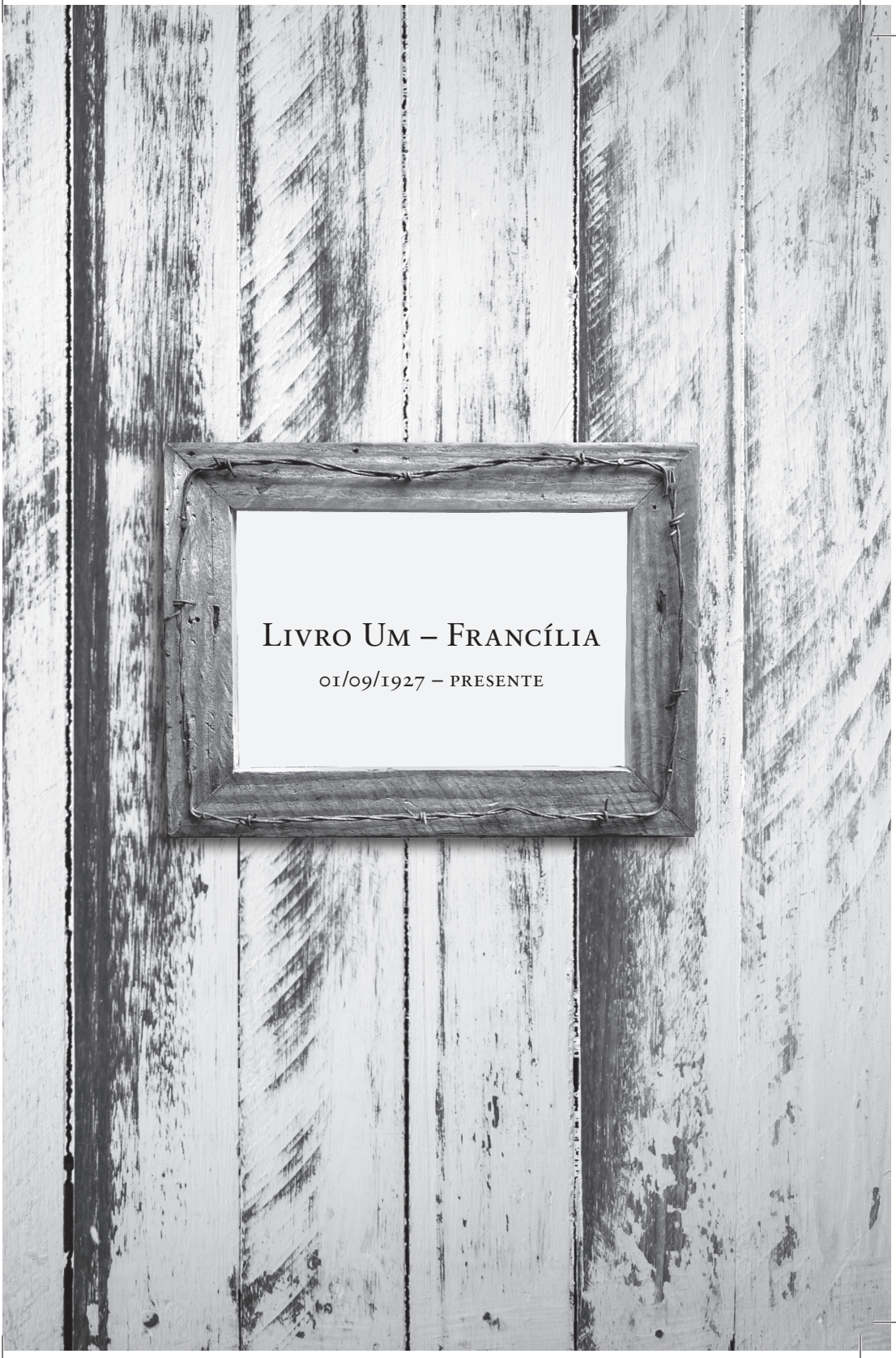
Durante a produção deste livro, percebi que essa história não é inédita – pelo contrário –, é uma história comum, que dorme no imaginário de toda uma geração e ainda se faz sentir nos dias de hoje. Em conversas com amigos e outras idosas, ouvi relatos parecidos de mães, tias e avós que foram proibidas de trabalhar e estudar, abandonadas e abusadas pelos maridos e obrigadas a criar os filhos sozinhas, relegadas pela sociedade e ignoradas pelo poder público. O que me impulsionou a escrever essas lembranças não foi o fato de ser sobre a minha bisavó, e sim por se tratar da história de uma mulher que espelha muitas outras.

Nila, Petronila, dona Nila é mais do que uma personagem isolada; é a representação de um grupo social, formado por meninas que foram criadas sob os valores do século XIX e cresceram numa sociedade patriarcal. No lento exercício de reconstrução desse passado, fragmentos de um Brasil de outro tempo foram costurados com a ideia de preservar uma das tantas histórias privadas de uma época, sob o olhar de quem a viu de perto.

Os relatos foram organizados em nove capítulos, separados em três partes divididas entre as três lembrantes. As memórias do *Livro Um* são de Francília, filha mais velha e cheia de histórias para contar sobre a primeira fase da vida de Nila. O *Livro Dois* é da filha do meio, Benedita; o *Três* foi dado à caçula, Coralina, que viveu com a mãe as dores do abandono e da velhice. Cada parte tem uma voz e, certamente, não fala de um passado como aconteceu, mas um passado imaginário, quimérico, formado por retalhos de lembranças embaraçadas, distorcidas pelo tempo e reinterpretadas por mim.

Por fim, em *Caminho pro Céu* pretendo buscar, a partir de lembranças familiares e de uma história íntima, uma memória compartilhada. Interferir naquele filme que tanto me marcou e re-escrever suas cenas foi uma das decisões mais importantes que já tomei. Espero que essa memorabília, que acumulei durante tantos anos, lhe traga algo de bom.

Boa leitura.



Livro Um – Francília

01/09/1927 – presente

CAPÍTULO UM

A CASA VERMELHA

O sol estava alto, e o céu, limpo, quando, com quase trinta anos de atraso, Francília voltou à casa onde nasceu, cresceu e casou. O calor do outono do sertão, que queimava a pele e cansava as pernas, só não era mais intenso do que a tristeza de Francília ao encontrar aquele lugar que dormia sereno e intacto na sua memória destruído pelo tempo. Vazio, sem os gritinhos e brincadeiras das crianças, sem as conversas das jovens moças agrupadas em volta da mesa do café, sem o trabalho pesado dos homens, que cuidavam das vacas e dos cabritos. Vazio.

Mirandela, década de 1920

Foi a cor do barro da Mirandela, lugarejo ao Nordeste da Bahia, que deu nome àquela pequena fazenda no alto da colina: Casa Vermelha. Todos os dias, logo pela manhã, dona Cecília ia à porta da propriedade, cobria uma mesa enorme com potes de requeijão e esperava a fila de indígenas que logo se formaria ali em poucos minutos. "Vovó fazia um requeijão que era uma delícia. Tinha muito gado, mas como guardar as coisas, se não tinha geladeira? Também não tinha a quem vender. Os índios faziam uma fila... Só vendo". As crianças subiam nos pés de umbu e, antes do anoitecer, corriam atrás dos animais. As mulheres iam ao poço com baldes d'água na cabeça e, mais tarde, cuidavam das tarefas domésticas. Os homens, quando não estavam trabalhando, se reuniam nos cantos para fazer

pose e falar de mulheres. E Nila, numa das janelas da Casa Vermelha, que na verdade era branca, observava.

Numa família de dez irmãos, era fácil confundir os aniversários. Mas, do último filho – e único menino naquela casa cheia de meninas – todo mundo lembra bem. "Álvaro era muito apegado a mamãe". Nila, uma das filhas do meio, tomou o caçula como o seu menino favorito: dava banho, comida e levava para brincar com os bichos. Contava confidências e falava de sonhos. Não foi pequena a dor que sentiu quando o irmão mais novo, com uma trouxinha de roupas nos ombros e apenas quinze anos de idade, saiu de casa em direção ao quartel do exército. Mas, mais doído ainda foi, meses mais tarde, receber a notícia de que ele estava morto. "De sarampo. Passou dias e dias deitado numa rede… Morreu a caminho do médico".

Além de experimentar o próprio luto, o que já não era fácil, Nila experimentou o dos pais, que perderam o único filho homem, o bem mais precioso das famílias sertanejas. Naquele dia, as meninas sentiram-se envelhecer mais de dez anos. A responsabilidade de ser mulher batia à porta. Não haveria mais um irmão para protegê-las e sustentá-las caso algo desse errado. Também não haveria um filho cuidadoso que acolheria os pais na velhice. Agora, elas eram apenas nove meninas. Não poderia existir tragédia maior do que essa.

Seu Plácido e dona Cecília, proprietários da Casa Vermelha, não eram ricos nem pobres. Estavam longe das elites oligárquicas dos sertões. Viviam de acordo com a fartura que a terra lhes dava.

Desde cedo, quando descobriram o som das palavras, as nove meninas aprenderam que, sem nome ou laços importantes, o único jeito de ter uma vida boa era com um bom casamento. "Trabalhar? De jeito nenhum! Nem tinha essa opção. Naquele tempo, mulher só trabalhava se não tivesse mais jeito". Assim, uma das poucas coisas que as nove irmãs foram ensinadas a fazer bem, além de comida e cuidar da casa, foi a achar marido.

Nila era quieta e ansiosa. Gostava de moda e de se arrumar. Conhecia os nomes dos tecidos e sabia qual combinava melhor com o outro. Também gostava de mandar.

Na imensa Casa Vermelha, que tinha pelo menos três salas, ela dividia o quarto com três irmãs. Por isso, não podia opinar na arrumação do espaço sem antes ouvir outras opiniões. Aos vinte e poucos anos, não havia nada que fosse só e completamente seu. Por essa razão, era ansiosa.

No sertão dos anos vinte, uma das poucas desculpas que as moças podiam dar para sair de casa eram as novenas e festas religiosas. Como em todas essas ocasiões, Nila escolheu o melhor vestido para ir à única praça da cidade, em frente à única igreja e à única feira. Usava chapéu, sapatos pretos ou brancos de couro e um colar. Os longos cabelos, lisos e escuros, eram presos num penteado feito com capricho.

Acompanhada das irmãs solteiras, saiu de casa para caçar futuros pretendentes e dar fim a esse problema. "As meninas já saíam arrumadinhas porque sabiam que iam ter que esperar até a próxima festa para sair de novo". Quieta e ansiosa, Nila desceu pela estrada de terra batida da roça até o centro, um caminho longo e monótono que conhecia muito bem. Foram muitas e cansativas caminhadas para que ela, finalmente, encontrasse alguém com quem quisesse se casar. "Ela era bonita e exigente. Não gostava de homem com conversa besta. Mesmo que quisesse casar logo, não era assim".

Horácio Menezes, como descobriu através dos cochichos das outras moças que também buscavam o futuro na praça da Mirandela, era maçom. Veio de Sergipe. Largou a faculdade de medicina e se tornou um caixeiro viajante, vendendo importados de luxo pelo sertão. Há pouco, havia decidido parar por uns tempos na cidade e sobrevivia dando aulas de alfabetização. Não demorou para que Nila noivasse com o rapaz, apenas quatro anos mais velho. "Ele tinha uma namorada, mas a dei-

Contato da Autora:

brunacastelob10@gmail.com

@castelobrancobruna